

Juniores experimentam-se no mundo da Psicologia: A centralidade do(s) processo(s) de exploração e de investimento vocacional

Tânia Almeida¹, Daniela Silva¹ & Inês Nascimento¹

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Resumo

Este artigo focar-se-á em dois projetos integrados na Universidade Júnior 2013 (UJr'13) da Universidade do Porto que tiveram como objetivo promover a exploração da Psicologia enquanto domínio de investigação e de intervenção, bem como o questionamento das representações sociais e pessoais em torno da Psicologia e do papel do psicólogo. O projeto "PsiQUÊ?!" realizado com crianças do 5.º e 6.º anos de escolaridade incidiu, essencialmente, na desmistificação de representações desajustadas em relação à psicologia, tendo sido abordados alguns aspetos centrais do saber estar/agir do psicólogo. O projeto "PSI=Porque Sentes Isto?", desenvolvido com jovens dos 7.º e 8.º anos de escolaridade, acrescentou a estes objetivos a abordagem das tarefas psicossociais do desenvolvimento na adolescência tendo dado lugar à partilha de vivências dos adolescentes, bem como à identificação/discussão de situações/problemáticas típicas da adolescência consideradas elegíveis para a intervenção psicológica. No intuito de favorecer a descentração e a tomada de perspectiva social (TPS) enquanto processos fundamentais do desenvolvimento interpessoal num período de vida fortemente marcado pela identificação com os pares, foram ainda propostas atividades de experimentação de papéis ligados a diferentes formas de ser e de estar de outros jovens associados a certos estereótipos, estilos e/ou culturas urbanas. Ambos os projetos serão expostos e discutidos no quadro de uma matriz teórica segundo a qual o desenvolvimento vocacional ocorre a partir do modo como as experiências de exploração vivenciadas pelos jovens operam transformações qualitativas na forma como se relacionam consigo próprios e com o mundo (neste caso, da Psicologia).

Palavras-chave: Exploração; Orientação Vocacional; Psicologia.

Abstract

This article will focus on two integrated projects at the University Junior 2013 (UJr'13), University of Porto aiming to promote the exploration of psychology as a field of research and intervention, as well as the question of social and personal representations around the Psychology and the psychologist's role. The "PsiWHAT?!" project ("PsiQUÊ?!"), conducted with children from the 5th and 6th grade, focusing primarily on demystifying the maladjusted representations related to psychology, being addressed some central aspects of the Psychologist's ability of action. The "PSI = Why do you Feel That?" ("PSI = Porque Sentes Isto?") project, developed with young people from 7th and 8th grade, aimed to address the psychosocial developmental tasks in adolescence, namely the sharing of experiences of adolescents and the identification of typical adolescence problems eligible for psychological intervention. In order to ease the decentration and making social perspective (TPS - tomada de perspectiva social) as fundamental processes of interpersonal development in a lifetime strongly marked by identification with peers. There were also proposed activities of experimentation of roles related to young people's different ways of being and living of other, associated with certain stereotypes, styles and/or urban cultures. Both projects will be presented and discussed within a theoretical framework under which the vocational development occurs from the way the operating experiences of the young people operate qualitative transformation in the way they relate with themselves and the world (in this case, Psychology).

Keywords: Exploration; Vocational orientation; Psychology.

Introdução

O estudo do desenvolvimento vocacional na infância tem sido, cada vez mais, foco de atenção nas investigações neste domínio, por se considerar que é nos primeiros anos de vida que a criança inicia uma participação ativa em diversos contextos sociais (e.g.: família, pares, escola, vizinhança e comunidade). Esta vivência em múltiplos contextos permite à criança experimentar vários papéis sociais (e.g.: filho, neto, amigo, entre outros) deparando-se, assim, com um conjunto de expectativas associadas aos mesmos.

Ao longo dos primeiros 10 anos, a criança forma os seus primeiros objetivos, bem como a sua autoperceção, por exemplo, do sentido de competência (Seligman, 1994; Super, Savickas, & Super, 1996 citado por Araújo, 2009). Assim, a infância é percebida como um período de desenvolvimento ativo em que a criança começa a projetar-se no futuro e a considerar as primeiras decisões vocacionais, uma vez que é nesta fase que desenvolve os primeiros interesses e competências e, por conseguinte, constrói uma imagem de si própria (Savickas, 2002; Super, 1990).

Taveira (1999) chama a atenção para o facto da promoção do desenvolvimento vocacional na infância não ter como objetivo levar as crianças a comprometerem-se precocemente com a escolha de uma atividade profissional mas sim promover o desenvolvimento de “atitudes positivas face a si própria/a e ao meio, sentimentos de competência e o uso de experiências escolares na exploração e preparação para o futuro” (p. 173). Taveira, Rebelo Pinto e Fernandes (2003) consideram a infância como uma fase do desenvolvimento extremamente importante sobretudo no desenvolvimento de hábitos e atitudes em relação ao mundo do trabalho, sendo que os principais contextos sociais em que as crianças participam, como a família e a escola, se mostram especialmente influentes na forma como se virá a processar o desenvolvimento vocacional da criança ao longo da sua vida. Na mesma linha, Sousa (2008) considera que a promoção do desenvolvimento vocacional na infância pretende, sobretudo, alargar o leque de conhecimentos da criança sobre a diversidade que caracteriza o mundo do trabalho e das profissões ao nível, por exemplo, das tarefas associadas a diferentes profissionais, o impacto da (in)existência de cada profissão na sociedade e da escolaridade para o exercício dessas profissões, objetivos que poderão ser concretizados mediante o envolvimento da criança em experiências de exploração e de interação com o meio que estimulem a sua curiosidade, permitam o desenvolvimento de representações mais realistas sobre o mundo profissional e lhes dêem a oportunidade de estabelecer novas relações com a realidade.

Com efeito, a exposição deliberada dos mais jovens a experiências de exploração do self e do ambiente pode mesmo ser vista à partida como uma forma de influenciar intencionalmente e de uma forma positiva o seu desenvolvimento vocacional na medida em que o se pretende não é cristalizar as suas características pessoais ou visões do mundo mas, justamente, produzir transformações significativas no seu modo de funcionamento pessoal e interpessoal e na qualidade da sua

relação com a realidade (Coimbra, 1995). Faz, por isso, todo o sentido pensar o desenvolvimento vocacional como um processo de confrontação sucessiva com a diversidade de oportunidades de escolhas que se abrem ao sujeito psicológico e que se traduz em ganhos importantes relativamente à (re) construção do projeto de existência e, paralelamente, da própria identidade pessoal. Neste sentido, o indivíduo assume-se como agente ativo na construção da realidade, sendo percecionado como protagonista do seu próprio desenvolvimento à medida que constrói um significado pessoal para a realidade (Campos, 1990). A exploração e o investimento surgem, neste contexto, como dois processos psicológicos fundamentais, uma vez que é a exploração da relação que o sujeito estabelece com a realidade psicossocial pela via de novas possibilidades de relacionamento com a mesma, que transforma e reconstrói os investimentos vocacionais (Campos & Coimbra, 1991). Encarar desta forma o desenvolvimento vocacional, pressupõe assumir que a sua promoção ocorre menos em função da quantidade de conhecimentos e informações que as crianças, os adolescentes e os adultos conseguem obter sobre si próprios e o mundo do trabalho, mas sim em função de mudanças na forma como investem (n)a sua relação com o mundo (Campos, 1992). Deste modo, este processo ocorre ao longo de toda a vivência do indivíduo pelas relações estabelecidas, as experiências, os questionamentos que podem implicar a construção, reconstrução ou mesmo desconstrução de projetos e investimentos à medida que se aprofunde a consciência de si, a exploração do mundo de trabalho, bem como do mundo que o rodeia - os outros (Seligman, 1994).

O processo de exploração vocacional é, neste seguimento, um processo de desenvolvimento e de aprendizagem que ocorre no contexto das interações do indivíduo com o meio e, os comportamentos de exploração desta dependerão não só das oportunidades oferecidas pelos respetivos contextos, mas da forma como os sujeitos fazem uso dessas mesmas oportunidades. Assim, com a visão do desenvolvimento vocacional como um processo de aprendizagem interativo e dinâmico potenciado em contexto, a Universidade Júnior (UJr) da Universidade do Porto constituiu um programa de cursos de verão, dirigido aos alunos do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e do ensino secundário. Integrando uma vertente lúdica, os objetivos destes programas são a promoção do conhecimento em múltiplas áreas do saber, bem como a exploração do ambiente académico. Trata-se, assim, de um conjunto de programas desafiadores nas diversas instituições de ensino que pretendem promover a exploração da escolha vocacional.

É neste âmbito que surgem os dois projetos aqui apresentados – “PsiQuê?” e “PSI=Porque Sinto Isto?”, propostos pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Centrados no Mundo da Psicologia, ambos os projetos, tinham como principal finalidade a promoção da exploração da Psicologia enquanto domínio de investigação e de intervenção, bem como o questionamento das representações sociais e pessoais em torno da Psicologia e do papel do psicólogo.

Em seguida serão apresentados os dois projetos, os seus objetivos e respetivas atividades desenvolvidas.

Projeto PsiQuê?

O Projeto “PsiQuê?”, destinado a alunos do 5º e 6º anos de escolaridade, teve como objetivos específicos (1) criar oportunidades para a redescoberta do papel da psicologia de uma forma lúdica promovendo a exploração, questionamento e reconstrução das representações sociais e pessoais em torno da psicologia, do papel/trabalho do psicólogo, das suas características e competências pessoais, tarefas profissionais e das áreas e objetos de estudo da psicologia, (2) desmistificar mitos e conceitos desajustados em relação à psicologia enquanto ciência e enquanto profissão dotando-os de maior realismo; e (3) explorar algumas dimensões do domínio do saber estar/agir profissional do psicólogo.

Integrado no programa da Universidade Júnior “Experimenta no Verão”, o ciclo de atividades do projeto PsiQuê foi implementado, por duas monitoras com formação em Psicologia, ao longo de um dia, durante as quatro semanas do mês de julho com as turmas completas (cerca de 14 juniores por semana).

Atividades realizadas

O ciclo de atividades “PsiQuê?” englobava cinco grandes atividades em torno do Mito de Eros e Psique, tendo sido esse o estímulo inicial para os juniores experienciarem o Mundo da Psicologia. Após a visualização de um vídeo ilustrativo deste mito, os participantes realizaram um conjunto de tarefas associadas às personagens com a finalidade de inferir as suas características pessoais e os seus possíveis padrões de pensamento e sentimento. De seguida, os participantes foram convidados a identificar as necessidades/problemas que poderiam justificar o recurso à intervenção psicológica por cada um dos personagens em causa, tendo de seguida sido elaborado pelos participantes, com o apoio das monitoras, um plano de objetivos e de estratégias tendo em vista a resposta às necessidades/problemas identificados. Tal permitiu, desde logo, iniciar a abordagem dos mitos e verdades em torno da psicologia, bem como esclarecer a importância e função da ciência psicológica na vida das pessoas. Com o objetivo último de promover a integração de todas as atividades de exploração realizadas, no final do dia foi realizado e discutido um role-playing de uma consulta psicológica a uma das personagens apresentadas no Mito de Eros e Psiquê.

Procurou-se que todas as atividades se mostrassem atrativas e adequadas aos níveis de desenvolvimento da grande maioria destes jovens (entre os 11 e os 13 anos). As estratégias utilizadas, ao centrarem-se no conhecimento prévio dos/das jovens, e ao promoverem o debate/discussão de ideias, permitiram uma maior reflexão e integração de diferentes conteúdos abordados, ativando, assim, a sua curiosidade e interesse. A possibilidade da maioria das atividades serem realizadas em grupo permitiu ainda a partilha de experiências e de conhecimentos.

Através do projeto “PsiQuê” foi possível promover um maior conhecimento e clarificação do papel da Psicologia e do psicólogo, tendo sido observada consistência nas aprendizagens dos participantes relativamente às diferentes áreas da prática psicológica e a conceitos específicos associados à mesma.

Projeto PSI = Porque Sinto Isto?

Destinado a alunos dos 7.º e 8.º anos de escolaridade, o Projeto “PSI = Porque Sinto Isto?” focou-se quer nas representações e conhecimentos sobre o trabalho do psicólogo (áreas de intervenção, objetos de estudo, entre outros) – “ser psicólogo” – quer nos conhecimentos e experiências subjetivas relativamente à fase da adolescência e suas principais tarefas de desenvolvimento psicossocial. Este projeto foi planeado tendo em perspetiva o envolvimento de dois grupos de jovens por semana (dois dias com atividades específicas de cada projeto e um dia dinamizado em conjunto). Durante o mês de julho, o projeto funcionou com quatro grupos diferentes (34 jovens no total) e com o apoio de duas monitoras com formação em Psicologia.

Assim, este projeto teve como objetivos específicos 1) promover o questionamento das representações sociais e pessoais em torno da psicologia, do papel do psicólogo, das suas características e competências pessoais, tarefas profissionais e das áreas e objetos de estudo da psicologia; (2) desmistificar mitos e conceitos falsos, relativos à psicologia e intervenções do psicólogo, dotando-os de maior realismo; (3) proporcionar a partilha de vivências e desafios como adolescentes bem como a identificação de situações problemáticas da fase da adolescência que pudessem ser alvo de intervenção por parte do psicólogo; e (4) estimular a experimentação de papéis associados a diferentes formas de ser e de estar na vida dos seus pares.

Atividades realizadas

Inicialmente, durante o primeiro dia, realizou-se uma dinâmica de apresentação em que os juniores, ao circular pela sala, tinham que encontrar colegas que autoavaliem possuir características (previamente identificadas) relevantes no perfil do psicólogo. No final da atividade cada jovem refletia ainda acerca das características pessoais e, em função disto, se consideraria ter condições pessoais para se tornar psicólogo/a. A partir desta atividade procedeu-se a uma identificação, em grande grupo, dos públicos, contextos e problemas com os quais cada um dos “futuros psicólogos/as” gostaria (ou não) de vir a contactar. Procurou-se, assim, promover o questionamento das representações sociais e pessoais em torno da psicologia, do papel do psicólogo, das suas características e competências pessoais, tarefas profissionais e das áreas e objetos de estudo da psicologia.

Em seguida, as atividades centraram-se quer na desconstrução de mitos e conceitos desajustados em relação à psicologia e ao trabalho do psicólogo, quer na desmistificação de mitos e ideias desajustados em relação à adolescência, proporcionando a partilha de vivências e de desafios próprios dessa fase do ciclo de vida. Para tal, em pequenos grupos, os juniores procuravam um conjunto de afirmações, espalhadas pela sala, que diziam respeito a mitos e verdades sobre a psicologia e o papel do psicólogo e discutiam as mesmas no sentido de deliberar se cada uma delas era verdadeira ou falsa e justificar. No final, cada grupo partilhava para todos os colegas os mitos e verdades, quer relativos à psicologia quer à adolescência, no sentido das conclusões serem debatidas coletivamente. Durante este debate procurou-se a partilha dos jovens sobre situações que já experienciaram (e.g.: se conhecem alguém que esteja em consulta psicológica; se os próprios já experienciaram alguma das situações relatadas da adolescência).

No segundo dia, os participantes tiveram a oportunidade de contactar com as duas principais vertentes da atuação do psicólogo: a intervenção psicológica e a investigação psicológica. Relativamente à primeira, foram visualizados vídeos sobre questões ligadas à vivência adolescente através dos quais se procurou explorar as dimensões do domínio do saber agir profissional do psicólogo junto de adolescentes, sensibilizando-os para a importância da (procura de) ajuda psicológica especializada. Quanto à vertente da investigação, os participantes foram convidados a definir uma temática relevante da adolescência e a fazer recolha de informação sobre a mesma com recurso a artigos, livros, bases de dados e entrevistas. Por último, e mais focado na vivência e desafios do processo adolecer, promoveu-se a partilha de experiências próprias da adolescência, tendo sido colocada a tónica na importância da pertença a um grupo, à luz da qual foram exploradas as diferentes formas de encarar a “diferença” e a tendência para estereotipar e segregar. Através de curtas encenações, cujo guião foi preparado pelos participantes, procurou-se promover a descentração dos adolescentes pela via da incorporação e experimentação física de outros Eu’s no sentido de tornar os participantes mais conscientes e (auto)críticos acerca das representações sociais construídas acerca da imagem do outro e do seu impacto no relacionamento interpessoal.

As atividades realizadas privilegiaram estímulos e dinâmicas significativas para os adolescentes participantes, tendo em conta a fase de desenvolvimento em que se encontravam, através de estratégias que visaram motivá-los a olhar e a perspetivar o mundo e os outros de uma forma diferenciada. Permitiram ainda a construção de quadros de significação pessoal sobre a relação entre a Psicologia e a adolescência, através de momentos em que foram convidados a questionar, refletir e integrar ideias face à adolescência, às vivências nesta fase e à discriminação e estigmatização face à diferença da forma de ser e estar dos seus pares, que pode emergir e crescer no seio dos seus grupos e influenciar o seu desenvolvimento social e pessoal.

Conclusão: um Processo de (Re)construção pessoal da escolha vocacional

A construção de representações subjetivas mais realistas em torno da Psicologia, bem como acerca das principais características do psicólogo e dos possíveis contextos de atuação permitiu aos juniores (re)significar estereótipos, anteriormente existentes, bem como perceber concretamente o que, profissionalmente, o psicólogo pode fazer nas suas diferentes áreas de atuação e algumas dificuldades e desafios que pode encontrar ao longo do seu percurso profissional.

Ao longo do desenvolvimento dos projetos descritos, permitiu-se, deste modo, a ação dos juniores, por vários processos como o explorar/conhecer/descobrir/questionar/experimentar, relativamente a si e ao mundo que os rodeia (áreas de interesse, competências, áreas profissionais). Assim, potenciou-se a complexificação das representações pessoais (cognitivas e afetivas) acerca da psicologia que, por sua vez, se admite que possam ter impacto no próprio investimento pessoal (vocacional), por parte dos juniores, na Psicologia enquanto domínio de formação académica e realização profissional. A exploração desta área de interesse permitiu a desmistificação e a promoção de uma perspetiva mais adequada, permitindo aos juniores refletir de forma integrada este possível projeto vocacional (“Quero ser Psicólogo?”).

Neste seguimento, ambos os projetos potenciaram o processo de construção, desconstrução e reconstrução dos interesses, capacidades e motivações (Imaginário, 1998) que promovem o processo de transformação da relação do sujeito com o mundo (Campos & Coimbra, 1991) e, por essa via, favorecem a progressiva estruturação do projeto pessoal de escolha vocacional futura.

Contacto para Correspondência

--

Inês Nascimento · ines@fpce.up.pt

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua Alfredo Allen
4200-135 Porto.

--

Tânia Almeida · taniafm Almeida@hotmail

Rua Lameira Ferreira, 162 Rch/ Drtº.

Referências

- Araújo, A. (2009). *Antecedentes, dinâmica e consequentes do desenvolvimento vocacional na infância*. (Dissertação de doutoramento não publicada). Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Campos, B. P. (1990). Consulta psicológica e desenvolvimento humano. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 4, 5-12.
- Campos, B. P. (1992). A informação na orientação profissional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 5-16.
- Campos, B. P., & Coimbra, J. L. (1991). Consulta psicológica e exploração do investimento vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11-19.
- Coimbra, J. L. (1995). Os professores e a orientação vocacional. *Noesis*, 35, 26-29.
- Imaginário, L. (1995). Reestruturação curricular e orientação escolar e profissional. *Noesis*, 35, 30-32.
- Imaginário, L. (1998). *Adaptação/reinserção profissional dos adultos pouco escolarizados*. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- Savickas, M. L. (1997/1998). New developments in career theory and practice. *Cadernos de Consulta Psicológica*, (13-14), 15-19.
- Savickas, M.L. (2002). Revitalizing the study of careers. *Journal of Vocational Behavior*, 61, 381-385.
- Seligman, L. (1994). *Career counseling and assessment*. Cidade: Sage Publications.
- Sousa, C. (2008). *A vinculação aos pais, par romântico e amigos e o desenvolvimento vocacional*. (Dissertação de Mestrado não Publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto, Porto.
- Super, D.E. (1990). A life-span, life-space approach to career development. In D. Brown, L. Brooks & Associates (Eds.), *Career choice and development: applying contemporary theories to practice* (pp. 192-234). San Francisco: Jossey-Bass.
- Taveira, M. C. (1999). Intervenção precoce no desenvolvimento vocacional. *Psicologia: Teoria Investigação e Prática*, 4 (1), 173-190.
- Taveira, M. C., Rebelo Pinto, H, & Fernandes, M.E. (2003). Os professores e o desenvolvimento vocacional dos estudantes. *Revista Portuguesa de Educação*, 16 (1), 37- 58.